

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

Professor:
Me. Flávio Henrique de Oliveira Silva

DIREÇÃO

Reitor Wilson de Matos Silva
Vice-Reitor Wilson de Matos Silva Filho
Pró-Reitor de Administração Wilson de Matos Silva Filho
Pró-Reitor de EAD William Victor Kendrick de Matos Silva
Presidente da Mantenedora Cláudio Ferdinandi

NEAD - NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Diretoria Executiva Pedagógica Janes Fidelis Tomelin
Diretoria Operacional de Ensino Kátia Coelho
Diretoria de Planejamento de Ensino Fabrício Lazilha
Head de Projetos Educacionais Camilla Barreto Rodrigues Cochia Caetano
Head de Produção de Conteúdos Celso Luiz Braga de Souza Filho
Gerência de Produção de Conteúdos Diogo Ribeiro Garcia
Gerência de Projetos Especiais Daniel Fuverki Hey
Supervisão do Núcleo de Produção de Materiais Nádila de Almeida Toledo

Projeto Gráfico Thayla Guimarães
Designer Educacional Lilian Vespa
Editoração Bruna Stefane Martins Marconato

C397 **CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ**. Núcleo de Educação a Distância; **SILVA**, Flávio Henrique de.

Cartas Paulinas. Flávio Henrique de Oliveira Silva
Maringá-Pr.: UniCesumar, 2017.
37 p.
"Pós-graduação Universo - EaD".
1. Cartas. 2. Paulinas. 3. EaD. I. Título.

CDD - 22 ed. 200
CIP - NBR 12899 - AACR/2

As imagens utilizadas neste livro foram obtidas a partir do site **shutterstock.com**

NEAD - Núcleo de Educação a Distância
Av. Guedner, 1610, Bloco 4 - Jardim Aclimação - Cep 87050-900
Maringá - Paraná | unicesumar.edu.br | **0800 600 6360**

sumário

01 6| DE SAULO A PAULO

02 14| CONTEXTO EM QUE ATUOU PAULO

03 21| O MINISTÉRIO DE PAULO

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- conhecer os principais caminhos que levaram Saulo a se tornar Paulo, o apóstolo de Jesus Cristo;
- compreender algumas das principais características do contexto de atuação de Paulo;
- conhecer os principais aspectos da atuação e da produção literária de Paulo;

PLANO DE ESTUDO

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- De Saulo a Paulo
- Contexto em que atuou Paulo
- O Ministério do Paulo

INTRODUÇÃO

Neste estudo, conheceremos alguns passos da trajetória de conversão do apóstolo Paulo. Até então chamado Saulo, o futuro apóstolo dos gentios possuía uma formação invejável. Passou pela catequese da tradição judaica e teve acesso à teologia rabínica, além de à filosofia grega. Em certo momento de sua vida, foi para Jerusalém estudar em uma das escolas judaicas, tendo a oportunidade de ser aluno de Gamaliel, um dos mais importantes mestres do judaísmo da época. Foi neste período que começou a perseguir os cristãos, conforme Boring (2015, p. 205) "convencido de que estava fazendo a vontade de Deus". Daí em diante, sua história é conhecida: Saulo passa pela famosa experiência da estrada de Damasco e de perseguidor passa a ser um dos mais expoentes apóstolos de Jesus Cristo.

Em seguida, veremos que o contexto de atuação de Paulo foi extremamente desfavorável. Ele viveu e atuou no primeiro século da era cristã, período marcado, já anteriormente, pelas políticas dos grandes impérios. O ministério do apóstolo foi desenvolvido em meio à dominação e colonização de um dos maiores, mais cruéis e incompassivos impérios de todos os tempos, o Império Romano. Além da pressão imperial, havia uma clara perseguição imposta aos cristãos gentios pela religião judaica, que usava de todos os artifícios possíveis para coagir o movimento nascente. Notaremos, em estudos posteriores, os diversos embates de Paulo com esse grupo.

Ainda neste estudo, discutiremos algumas características da atuação de Paulo. Uma das tônicas do ministério do apóstolo segue em uma de suas identificações: "Paulo, apóstolo dos gentios". Uma boa referência para a compreensão da atuação de Paulo entre os gentios é a comunidade de Antioquia, considerada por alguns estudiosos como a pioneira da missão entre os gentios. Becker (2007, p. 128-129), entende que Barnabé "tenha levado Paulo a Antioquia, exatamente para, com sua colaboração, seguir orientando a comunidade para uma atitude de maior liberdade diante da Lei". Fruto desta bandeira em prol do alcance do evangelho, até aos gentios, a atuação de Paulo se destacou, claro, pela sua produção literária, conforme veremos durante todo o curso.

DE SAULO
a Paulo

Saulo, que depois virou Paulo, nasceu em Giscálhia (província da Galiléia), entre os anos 5 e 10 d.C. Ainda criança, contam os historiadores, mudou-se para Társis, hoje região da Turquia. Do nascimento aos 28 anos, recebeu a formação básica de todo o judeu, conhecida como catequese da tradição judaica. Boring conta que Saulo "pertencia a uma tradicional família judaica, na qual as línguas e as tradições antigas foram preservadas. [...] Ele conhecia um pouco da teologia dos rabinos e escribas, bem como a interpretação bíblica" (2015, p. 302). Convém destacar o fato de Saulo ter sido um fariseu, cujo zelo pelas tradições ancestrais o levou a superar muitos de seus contemporâneos. Além da tradição judaica, Saulo conhecia também o berço da cultura grega. Na época, Társis era um grande centro de conhecimento: lá estavam instaladas grandes escolas de filosofia. Até aos 18 anos, Saulo estudou nestas escolas, obtendo um alto nível de formação. Estoicismo, epicurismo e diversas correntes do gnosticismo, certamente, fizeram parte de seu currículo.

Antes de seguir com outras informações sobre a trajetória de Saulo/Paulo, vale a pena abrirmos um pequeno parêntese e vermos um pouco sobre cada uma destas doutrinas/correntes, conforme o texto ***O mundo do Novo Testamento: correntes filosóficas nos dias do Novo Testamento*** (SILVA; PROENÇA, 2014). Antes, porém, é preciso destacar que o pensamento teológico de Paulo certamente passou pelo contraponto desses modelos, que outrora lhe foram comuns e, por isso mesmo, merecem nossa atenção.

! atenção

Boa parte das anotações que seguem nestes tópicos (Estoicismo; Epicurismo; Gnosticismo) são parte do texto ***O mundo do Novo Testamento: correntes filosóficas nos dias do Novo Testamento***.
Fonte: SILVA (2014).

Estoicismo: doutrina organizada inicialmente por Zeno (336–263 a. C.).

Rejeitava a busca do prazer como o que dá sentido à vida. No decorrer dos séculos, a escola estoica sofreu várias transformações. O novo estoicismo do 1º e 2º séculos d. C. dava primazia à ética. A doutrina estoica vê o mundo inteiro como uma grande unidade: o ***logos*** divino, chamado tradicionalmente de Zeus, governa o cosmos, enviando a razão para guiar os homens. Os estoicos têm uma cosmovisão panteísta, de acordo com a qual o homem deve observar a ordem da natureza, conhecendo suas leis e seguindo-as (o homem é visto como membro da natureza). As distinções sociais não têm valor para o Estoicismo. Todos participam da ordem cósmica. Deve-se buscar uma vida modesta e despojada. Nesse equilíbrio com a natureza, tudo o que se tem a fazer é aguardar serenamente a morte.

Epicurismo: corrente que deve a sua origem a Epicuro (342-270 a.C.).

Epicuro aconselhava as pessoas a se retirarem da vida pública e se recolherem aos valores da vida privada/individual, ao contrário das filosofias centralizadas na pólis ou na vida política. Dizia-se que a verdadeira sabedoria se adquire quando o indivíduo encontra o que é correto para as diferentes circunstâncias da sua vida. A alma humana se realiza espiritualmente nessa vida, não no além. Epicuro não negava a existência dos deuses, mas não esperava deles intervenção alguma na vida humana. Por isso, os homens não deveriam se preocupar com os deuses e buscar o prazer nesta vida. No judaísmo, a designação "epicureu" equivalia a um insulto, dirigido a pessoas que como os saduceus, não acreditavam na vida além, mas na realização na existência terrestre.

Gnosticismo: vem da palavra *Gnosis* que se refere ao conhecimento.

Além de uma corrente filosófica, o gnosticismo pode ser entendido como um modelo de pensamento religioso da época, carregado de sincretismos com elementos judeus e cristãos. Conforme Brown. "o que atraía no gnosticismo era o fato de ele oferecer respostas para questões importantes: de onde viemos? Aonde vamos? Como chegaremos lá?" (2004, p. 163). A Ásia Menor era fortemente marcada pela presença desse movimento. O gnosticismo construía parte de sua tese a partir das influências recebidas do pensamento de Platão, que afirmava ser a matéria má e pecaminosa. Dessa forma, negavam que Jesus tivesse vindo em carne, ou seja, que tivesse assumido um corpo material igual ao nosso. Afirmavam que Jesus teria tido apenas uma "aparência" de corpo, para não se contaminar com a matéria. Além disso, conforme escreve Bultmann, o gnosticismo pregava a alienação do ser humano frente ao mundo: "o gnóstico se sente solitário e preso no mundo, acossado e assustado pelo mesmo, perdido e entregue. Ele está tomado de terrível medo no mundo" (1946, p.180).

Seguindo-se pela trajetória do futuro apóstolo, sabe-se que, ao completar 18 anos, ele deixou Társis e foi para Jerusalém com a finalidade de receber uma formação superior de estudos religiosos em uma das escolas judaicas, tendo oportunidade de ser aluno do mais importante mestre do judaísmo da época: Gamaliel. Ele dedicou-se aos estudos, em tempo integral, até aos 28 anos. Mazzarolo conta que Saulo

> [...] ainda jovem é enviado pelos pais para Jerusalém, onde deveria aprofundar seus conhecimentos na cultura judaica. Suas capacidades e zelo pelas tradições dos antepassados tornaram-no um defensor ferrenho da Lei e dos princípios mosaicos. Como jovem inteligente e moldado nos ditames das leis mais rígidas, aos pés de Gamaliel, segue rigorosamente os princípios dos mestres (At 22,3-7) - (MAZZAROLO, 2011, p.14).

Foi nesse período, até por volta dos 33 anos de idade, que Saulo exerceu sua função de perseguidor dos cristãos. Boring menciona o texto bíblico de Atos (9,1-2) que "indica que Paulo era um representante autorizado do judaísmo de Jerusalém, e enviado para erradicar o novo movimento messiânico" (2015, p.304). Em outras palavras, Atos descreve Paulo como um zeloso oponente dos primeiros cristãos e que buscava destruir o novo movimento. Vejamos os textos mencionados pelo autor: At 8,1-3; 9,1-2; 22,4-5; 26,9-11. Boring destaca ainda que "Paulo confirma esse quadro, descrevendo a si mesmo com um zelote na antiga fé, disposto a destruir a igreja (1 Co 15,9; Fp 3,6; Gl 1,13)". O zelo de Paulo pela lei, conforme o autor:

- Foi "modelada sobre o zelo de Finéias, que matou aqueles que violaram a aliança e encorajaram outros a fazê-lo";
- Fez com que "o próprio Paulo defendesse violência e mesmo pena de morte para aqueles que estavam profanando a aliança";
- Fez com que "o próprio Paulo impedisse "a missão do povo santo de Deus (At 26,10)";

Sigo com Boring, que explica que as motivações de Saulo para agir da forma que agia era o fato de estar "convencido de que estava fazendo a vontade de Deus" (2015, p.205). Nesse contexto, próximo a Damasco, por volta do ano 33, Saulo, "o zeloso perseguidor dos judeus que criam em Jesus e estavam minando a lei e os limites da tradição judaica, foi confrontado pelo Cristo ressurreto (1 Co 9,1; 15,8; Gl 1-15-16; At 9,1-18; 22,6-11; 26,9-18)".

Para Mazzarolo (2011, p.14-16), o processo entre a conversão de Saulo e o ministério de Paulo se deu em quatro etapas: (1) A morte de Estevão; (2) Damasco; (3) A Arábia; (4) Tarso. Vejamos os detalhes na fala do autor.

Primeira etapa – Morte de Estevão:

No apedrejamento de Estevão, Saulo (seu nome hebraico) recebe os espólios deste, colocados por testemunhas do assassinato (At 7,58). Ele estava de acordo com a perseguição aos cristãos e a sua execução (At 8,1).

> Alguns estudiosos afirmam que Estevão e Paulo eram amigos. Para aprovar, deliberadamente, era preciso ter autoridade e, possivelmente, ambos seriam membros do Sinédrio. Ao receber os espólios de Estevão, começa a crise do perseguidor dos cristãos. [...] A morte de Estevão abala as convicções de Saulo e, mesmo em seu ardor farisaico, entra em crise e busca afastar-se de Jerusalém (MAZZAROLO, 2011, p.14-16).

Segunda etapa – Damasco.

A carta para Damasco não pode ser outra coisa que a estratégia de buscar distanciamento de Jerusalém.

> Ele foi tocado pela morte de Estevão, mas caso desistisse de perseguir seria morto também. Muito inteligente e sábio, Saulo cria uma situação demonstrando seu zelo pela lei e intenção de buscar hereges (os cristãos eram tratados como tal pelos judeus) que estavam em Damasco. O cristianismo mal havia chegado na capital Síria, mas foi o suficiente para que ele tivesse a aprovação para deixar Jerusalém e se afastar do centro do perigo. A crise foi aumentando à medida que ele se aproximava da cidade e, no seu auge, Deus o chama para o serviço de seu Filho, ***o Caminho*** (At 9,1-5). Na crise acontece a cegueira. Esta é a metáfora da escuridão. [...] A luz vem do céu, depois de o prostrar por terra, o conduz a um discípulo (Ananias) que, não obstante o conhecimento do perseguidor, acredita que pode transformá-lo em aliado. Esse discípulo vai ao seu encontro e inicia o seu processo de conversão. Assim que os judeus de Damasco passam a saber do seu ato traidor, resolvem matá-lo, a qualquer custo. Os discípulos precisam fazer uma aventura singular e perigosa: de noite, colocaram-no num cesto e o desceram pela muralha, para que fugisse (At 9,23-25) - (MAZZAROLO, 2011, p.14-16).

Terceira etapa – A Arábia.

Como não poderia voltar para Jerusalém sem que levasse consigo um bom número de cristãos aprisionados para o flagelo, pois do contrário sofreria o apedrejamento, necessita encontrar um lugar no 'exílio'.

> Para Tarso, sua terra natal, seria complicado, porque fora enviado para voltar rico e nobre e, agora, estava fracassado. Ainda que o relato dos Atos dos Apóstolos não mencione este tempo de silêncio, a referência de Gl 1,13-18 e os estudos arqueológicos atuais sustentam que ele não apenas busca refúgio na Arábia, mas é o primeiro evangelizador dessas terras (MAZZAROLO, 2011, p.14-16).

Quarta etapa – Tarso.

Depois de três anos na Arábia (Gl 1,17-18), Saulo retorna a Jerusalém, acreditando que o fracasso de sua missão em Damasco não seria julgado.

> Chegando lá, encontra apenas Tiago (Gl 1,18-19), com quem fica quinze dias. Mas o ódio contra ele se acende de imediato, e os discípulos precisam conduzi-lo para a Cesareia e de lá para Tarso (At 9,26-30). Levando em consideração a sua chegada na Antioquia, para auxiliar Barnabé, Saulo teria trabalhado no silêncio, mas com grande eficácia, durante cinco anos em Tarso. Assim, o tempo da conversão e o da manifestação em público, desde Damasco até a missão na Antioquia da Síria, somariam oito anos (MAZZAROLO, 2011, p.14-16).

Muito bem, pessoal, para encerrar nossa primeira aula, sigo ainda com Mazzarolo (2011, p.16-19) que seleciona alguns textos bíblicos extraídos das cartas de Paulo, os quais o autor batiza de "relatos autobiográficos". São textos muito interessantes e didáticos, que devem ser lidos atentamente, já que nos ajudarão a compreender melhor a trajetória de Saulo até os dias em que se tornou Paulo e começou, então, sua marcante caminhada apostólica. São estes: Fp 3,5-7; Gl 1,13-24; 1Co 4,9-13; 2Co 11,21-33; At 22,3-5; At 26,1-23.

saiba mais

Paulo como cidadão romano:

Segundo seu status legal, Paulo era um judeu privilegiado da diáspora. Segundo At 16,37s; 22,25; 23,27, ele possuía a cidadania romana, que podia ser adquirida por nascimento, libertação concedida ou comprada da escravidão, libertação da prisão de guerra, dispensa de serviço militar prolongado e adoção ou acolhida na associação dos cidadãos. [...] Paulo possuía a cidadania romana provavelmente como descendente de um escravo judeu liberto (cf. At 22,28). Fílon relata, sobre os judeus que viviam em Roma, que eram em sua maioria libertos e cidadãos romanos. Além disso, havia um grande número de judeus libertos que voltaram para a Judéia e que possuíam a cidadania romana.

[...] O apóstolo não assumiu o nome Paulo só para facilitar contatos sociais no âmbito de sua missão (cf. At 13,7-12). Ao contrário, Paulo é um nome romano, que Saulo (cf. At 7,58; 8,1.3; 9,1.8.22.24 etc.) portava como cidadão romano desde o início.

Fonte: SCHNELLE (2010, p. 65-68).

CONTEXTO EM QUE
atuou Paulo

Paulo viveu e atuou no primeiro século da era cristã, período marcado, já anteriormente, pelas políticas dos grandes impérios. É preciso ressaltar que, na Antiguidade, os grandes impérios obtinham suas conquistas e estabeleciam suas formas de governo através da força e da impiedade. Eles condenavam os povos dominados e são lembrados pela capacidade de fazer vítimas. A violação não era apenas um exercício de força física. Quando se leva em consideração a justiça e a igualdade entre semelhantes como referencial, facilmente se percebem outras formas de abuso. Essas formas se manifestavam em relacionamentos humanos comprometedores, através de práticas econômicas, sociais, políticas, ideológicas e até mesmo religiosas. Tais práticas podem ser resumidas como manifestação e desencadeamento de um desejo egoísta de ter mais poder do que o outro, transformando-o em sua vítima.

Os dias do apóstolo foram marcados pela dominação e colonização de um dos maiores, mais cruéis e incompassivos impérios de todos os tempos. O Império Romano é lembrado na história pelo exercício da impiedade como tática comum em resposta ao anseio pela conquista, exploração e dominação. Conceitos como ***oiktirmos***, por exemplo, cuja finalidade era a orientação das relações interpessoais a partir do princípio da misericórdia/compaixão, não estavam na pauta dos dominadores.

Era a partir das imposições imperiais que a vida dos povos subjugados deveria ser organizada. Alguns historiadores mencionam cadáveres e um ambiente extremamente sanguinário, no qual muitos pagaram pelo desenvolvimento romano com a própria vida. O poder romano e suas estratégias de controle eram, conforme Reimer, sinônimo de:

> (1) exploração de recursos naturais e humanos;
>
> (2) violência física, sexual e psicológica contra todas as pessoas;
>
> (3) expansão e construção na base do trabalho escravo e da imposição de impostos e tributos (REIMER, 2006, p.74).

Na ampliação de seu domínio em grande parte do mediterrâneo, o Império começava a propagar e trabalhar na afirmação de uma nova ordem mundial, aparentemente de pacificação, mas que se estabelecia (1) através da exploração sistemática dos povos conquistados e (2) com imposições de controles sociais arbitrários. Á medida que se consolidava, a nova ordem mundial provava que suas bases eram incompatíveis com o valor da vida. Isso ganha notoriedade com a negligência de medidas de misericórdia/compaixão para com aqueles que não possuíam condições mínimas

de subsistência. Pelo contrário, além da omissão, a nova ordem mundial sufocava os que não atendiam as imposições imperiais, sujeitando-os a toda forma de injustiça.

Para justificar os caminhos da nova ordem mundial, os detentores do poder tentavam convencer os povos vencidos através de argumentos em favor da civilização e do desenvolvimento ou através da divulgação de valores nobres; como a ***pax romana***, por exemplo. Todavia, a ação imperial desenvolvida pelos romanos em nome dessa ***pax*** não fazia jus ao real sentido do termo. É difícil imaginar uma paz que se impõe através de armas e autoritarismo, ou seja, o discurso era contraditório, já que o poder romano, conforme explica Wengst, "causava terror e insegurança, para então se oferecer e agir como refúgio e paz. [...] A paz estabelecida e mantida com meios militares é acompanhada de rios de sangue e lágrimas, cuja dimensão não se pode imaginar" (1991, p.25). Além disso, um ambiente incompassivo, no qual reinava a impiedade, não pode ser considerado um espaço de paz. Em oposição à ***pax romana***, segundo Bingemer, "a dinâmica da paz neotestamentária é inseparável da dinâmica do amor" (2001, p.68) e propõe a superação da incapacidade de olhar e agir com misericórdia.

Mas de que forma esses argumentos, tão claramente contraditórios, conseguiam se sustentar? Entre os motivos pesquisados, além da imposição armada, encontra-se o motivo da "vontade do destino divino", conforme explica Wengst. O autor cita o exemplo do historiador judaico-romano Flávio Josefo para demonstrar a força de tal hipótese: "Flávio Josefo deixou-se impressionar tanto pelo poder de Roma, que até coloca Deus a favor do direito do mais forte, agora mesmo proclamando. Por conseguinte, os revoltosos judeus fazem guerra não só contra os romanos, mas também contra Deus" (1991, p.28).

No alicerce desse discurso estava o argumento de que o domínio que os romanos exerciam era um favor divino merecido por Roma por causa de sua piedade e justiça, isto é, os romanos tentavam ludibriar os povos subjugados legitimando suas ações e conquistas com base no desejo dos deuses e no bem que isso poderia gerar. Com base nessa tese, não é difícil concluir que, além da insensibilidade e impiedade, havia uma estratégia para se usurpar a consciência e o coração dos povos vencidos, fragilizados pela situação vigente.

As comunidades urbanas em que o apóstolo Paulo trabalhou não estavam imunes àquele mundo de hostilidades. Pelo contrário! Sofriam diretamente as consequências de um modelo governamental incompassivo e ímpio. Vejamos alguns exemplos:

- (1) Em Tessalônica, capital da Macedônia e província romana, o regime escravagista, opressor, era uma forte realidade. Havia muitos trabalhadores escravos em estado de miséria. Ao que tudo indica, qualquer discurso com indícios de misericórdia repercutia como utópico ou como esperança apocalíptica;

- (2) A realidade de Corinto era bem parecida. A cidade, conforme Hoefelmann, "era um reflexo da realidade contraditória do Império Romano: de um lado, minorias opulentas a explorar o trabalho alheio, de outro, massas marginalizadas e desorientadas a lutar pela sobrevivência, sem dispor do próprio corpo, no caso dos escravos" (1996, p.25).

- (3) A situação em Roma não era diferente. Fruto do modelo administrativo imperial, havia uma acentuada divisão de classes (cf. Rm 12,16), muitos escravos em condições subumanas e famílias da comunidade vivendo de forma precária entre os estratos mais baixos da sociedade.

- (4) A comunidade de Filipos estava localizada na Macedônia. Uma região saqueada pelo Império, caracterizada pela miséria e pela "profunda pobreza". Entretanto, chama atenção a postura misericordiosa e o desprendimento generoso na participação da assistência aos necessitados em Corinto (2Cor 8,1-15). Essa atitude, seguramente, autenticava e viabilizava o desafio paulino quanto à compaixão, mesmo em um contexto contrastante.

Além da impiedade advinda do Império Romano, os povos conquistados estavam à mercê da violência promovida pela religião institucionalizada. O agravante, neste caso, era a figura divina atrelada aos detentores do poder já que, desde a Antiguidade, o oriente considerava os soberanos como filhos dos deuses. Homens importantes podiam ser elevados da condição humana à divina e ser venerados como tais. Eles recebiam poder, honra e leis de proteção para governar o povo. Suas ações eram, então, legitimadas pela função que assumiram, tornando-os intocáveis e inquestionáveis.

Essa tática alcançava sucesso graças ao poder simbólico da religião para a vida do povo. Ainda que atrocidades fossem cometidas, eram cometidas em nome da vontade de uma divindade, formulada no discurso de um Imperador. Certos disso, os poderes religiosos e políticos usavam desse tipo de artifício para alcançar seus objetivos, isto é, ludibriavam o povo e encontravam espaço para a manutenção de suas práticas usando o sagrado como referencial.

De maneira geral, as divindades assumidas pelo Império Romano eram retratadas como impiedosas; característica que autenticava, portanto, o comportamento incompassivo dos imperadores, especialmente com aqueles que eram, injustamente, rotulados como insubmissos, como era o caso dos cristãos, por exemplo. Esse detalhe nos indica que a perseguição que sofriam os cristãos não era apenas religiosa, conforme nossa compreensão de religião na atualidade, mas sim sócio-política-religiosa. A opção de vida dos cristãos era uma ameaça a toda estrutura vigente. Soava ao Império como um movimento de resistência ameaçadora, já que não se tratava de uma fé sem implicações para todas as dimensões da vida, no cotidiano. Funari explica que:

> [...] a tolerância que os romanos tiveram para com diversas religiões do mundo por eles conquistadas não existiu, entretanto, para com a religião cristã. Os motivos da intensa perseguição sofrida pelos cristãos no período imperial não são somente de caráter religioso, mas também e principalmente político (FUNARI, 2011, p.130).

Além das relações com a religião já mencionadas, os romanos estabeleceram uma espécie de religião oficial baseada no Culto ao Imperador. Eram os interesses políticos que determinavam a relevância, a necessidade de afirmação e a prática desta religião em cada região conquistada. O fundamento desta religião era a lealdade dos súditos ao Imperador e, consequentemente, às imposições do Império. É preciso salientar que essa lealdade não se afirmava com mero discurso.

Antes, se concretizava em:

- (1) Opções concretas pelas opções de seu Senhor;
- (2) Obediência/submissão irrestrita a Ele;

Um dos momentos mais significativos nas celebrações dedicadas ao Imperador era a afirmação de seu senhorio: "César é o Kyrios" (Senhor). Tal afirmação era o reconhecimento de sua identidade divina e, por isso mesmo, de sua autorização para governar/legislar da forma que lhe convinha. Funari (2011, p. 130) destaca que os cristãos "se recusavam mostrar respeito pelos deuses romanos" (2011, p. 130) e "não reconheciam a divindade do Imperador e não aceitavam o culto a ele e ao Estado, sendo uma ameaça à segurança do Estado romano" "Não reconheciam a divindade do Imperador e não aceitavam o culto a ele e ao Estado, sendo uma ameaça à segurança do Estado romano" (2011, p. 130).

Não era apenas uma questão de confissão, mas de submissão aos valores do verdadeiro ***Kyrios***. Neste sentido, a afirmação de Rubeaux (1987, p. 66-67) é precisa: negar a divindade de César era negar o sistema religioso que legitimava o poder imperial. Os cristãos se tornavam subversivos, afirmando que há um outro rei. O autor destaca, ainda, que os cristãos não apenas afirmavam que César não era Deus,

> [...] mas proclamavam que seu Deus era Pai de todos e que todos eram chamados a formar uma grande família de irmãos e irmãs, frustrando assim o projeto de César de se apresentar como Pai do Império (título dado ao Imperador César Augusto em 2 a. C.). Afinal, tinham pretensões políticas ao confessar um Deus único e Pai de todos (RUBEAUX, 1987, p. 66-67).

Ainda sobre o contexto religioso em que atuou Paulo, vale mencionar o protagonismo do judaísmo (e até mesmo dos judeu-cristãos) e sua oposição/pressão ao apóstolo e aos cristãos primitivos. Todavia, trataremos do assunto em outro momento, na medida em que abordarmos cada comunidade com a qual se relacionou o apóstolo.

saiba mais

A missão paulina aos gentios realizou-se em condições básicas políticas e religiosas extremamente complexas e acelerou consideravelmente a separação do cristianismo do judaísmo. A situação de concorrência, efetivamente presente desde o início, agravou-se consideravelmente em virtude dos sucessos da missão livre da circuncisão entre os gentios. A reação de defesa e rejeição que isso provocou no judaísmo acelerou o processo da auto definição do novo movimento e, com isso, também a desvinculação do judaísmo. [...] As perseguições mostram que os crentes em Cristo eram percebidos também pelo judaísmo como alheios e ameaçadores. [...] O judaísmo não podia estar interessado em ser relacionado diretamente com um movimento que venerava como Filho de Deus um revoltoso executado pelos romanos.
Fonte: Schnelle (2010, p. 65-68).



O MINISTÉRIO
de Paulo

A atuação de Paulo

Um bom ponto de partida para a compreensão da atuação ministerial de Paulo é a leitura cronológica indicada pelo próprio apóstolo nas cartas que escreveu ao longo de sua jornada. Dentre os estudiosos que se dedicaram a essa tarefa, destaco o trabalho de Vouga (2015, p. 171-174), que escreve em sete passos a possível "cronologia da missão paulina", à luz de suas cartas. Minha sugestão é que você não apenas leia a descrição de cada passo, mas que os acompanhe lendo também os textos bíblicos indicados pelo autor.

- (1) "O relato autobiográfico de Gálatas 1,13-2,21; ele fornece um calendário contínuo, começando com a vocação de Paulo e terminando com o Concílio de Jerusalém e o incidente de Antioquia".
- (2) "A notícia das etapas sucessivas (Filipo, Tessalônica, Atenas) que procederam à primeira chegada do apóstolo a Corinto (1Ts 2,2; 3,1-6)".
- (3) "A intenção de Paulo de permanecer em Éfeso até Pentecostes (1Cor 16,8)".
- (4) "Os planos de viagem de Éfeso a Corinto, passando pela Macedônia (1Cor 16,5-7); esses planos provavelmente substituem os de 2 Coríntios 1,15-16, modificados pelas razões indicadas em 2 Coríntios 1,17-2,11".
- (5) "Os relatos de viagem em 2 Coríntios 2,12-13 e 7,5-7 (Paulo em Trôade e na Macedônia [Filipos] a caminho de Corinto)".
- (6) "Os anúncios da visita a Corinto (2Cor 9,4; 10,2; 12,14; 13,1.10)".
- (7) "Os planos de viagem a Jerusalém, a Roma e na Espanha (Rm 15,14-32)".

Sigo com Vouga (2015, p. 171-173) que além de selecionar os textos que vimos acima como indicativos cronológicos da missão paulina, faz alguns comentários que nos auxiliam ainda mais em nosso objetivo aqui - que é compreender, ainda que de forma introdutória, os principais pontos da trajetória ministerial de Paulo. Vejamos:

"Da vocação de Paulo à segunda viagem missionária":

O conjunto dessas informações permite reconstruir de maneira relativamente precisa o desenrolar dos quinze primeiros anos do apostolado paulino. Vouga (2015, p. 171-173) entende que, de fato, "esses anos são abrangidos pelo relato de Gálatas 1,13-2,21, referente ao período que vai desde sua vocação até sua segunda viagem a Jerusalém".

"Paulo na Ásia, na Macedônia e na Grécia":

Os dados concernentes às viagens à Ásia, à Macedônia e à Grécia, isto é, o período de grande produtividade literária do apóstolo, reduzem-se a alguns elementos fragmentados (1Ts; 1 e 2Cor; Rm); seria difícil ordená-las sem o contexto fornecido pelos Atos dos Apóstolos. Essas informações fragmentadas são, todavia, muito preciosas; concernem essencialmente ao presente imediato e permitem-nos, por essa razão, datar com certa precisão as cartas que as contêm (VOUGA, 2015, p. 171-173)

"Da última estadia em Corinto aos projetos da Espanha":

A partir da última estadia em Corinto, diz Vouga (2015, p. 174), "as cartas (essencialmente: Rm 15,14-32) só nos informam dos projetos de viagem a Jerusalém e, depois, à Espanha, passando por Roma".

Além das cartas, é possível estudar a missão paulina através de uma cronologia no livro dos Atos dos Apóstolos. Estudiosos entendem que, ainda que Atos não faça menção à produção literária, existe certo complemento entre as duas cronologias e que, nesse caso, é fundamental estudar ambas. Para Vouga, "diferentemente das epístolas, os Atos nos oferecem um relato contínuo da atividade apostólica" (2015, p.174). Ele conta que "os descontos da história lucana se tornam, aliás, particularmente precisos para todo o período que começa com a grande estadia em Éfeso e termina como os dois anos que se seguem à chegada do apóstolo a Roma". Para o autor "esse lapso de tempo cobre os dez últimos anos conhecidos do apostolado paulino".

Vejamos os detalhes:

- "A estadia em Éfeso (At 19, 1-40)";
- "A viagem por Trôade e pela Macedônia a caminho de Corinto (At 20,1-3ª)"
- "Depois a partida para Jerusalém, passando pela Macedônia (At 20,3b-16)";
- "A despedida dos anciãos de Éfeso em Mileto (At 20,17-38)";
- "A chegada e a prisão em Jerusalém (At 21,1-23,10)";
- "Os dois anos em Cesaréia (At 23,11-26,32)";
- "O embarque para Roma e a chegada à Itália (At 27,1-28,31)";

Pois bem, depois de passar pelas cronologias, é interessante notar que uma das tônicas do ministério do apóstolo segue em uma de suas identificações: "Paulo, apóstolo dos gentios". Esta marca inegável significou para o apóstolo uma série de controvérsias que aparecem em vários de seus escritos, apontando, assim, sua importância. Nesta aula, faremos breves comentários a respeito, já que o tema deve surgir novamente mais adiante.

Uma boa referência para a compreensão da atuação de Paulo entre os gentios é a comunidade de Antioquia, considerada por Becker, por exemplo, como "pioneira da missão entre os gentios à margem da Lei" (2007, p. 128-129). O autor entende que Barnabé "tenha levado Paulo a Antioquia, exatamente para, com sua colaboração, seguir orientando a comunidade para uma atitude de maior liberdade diante da Lei (BECKER, 2007, p. 128-129)".

Becker (2007) cita o livro de Atos para indicar algumas características desta importante comunidade. Vejamos:

- "Os cristãos antioquenos passaram a evangelizar a população grega de Antioquia, que nada tinha a ver até então com a sinagoga. Alcançam êxito nessa empreitada (11.20s)".
- "Em Antioquia, pela primeira vez, os "discípulos" são chamados de "cristãos" (11.26)".
- "A comunidade envia Barnabé e Paulo para a assim chamada primeira viagem missionária (13s). Ela é exemplar para a missão junto aos gentios (14.27) que estão à margem da lei (13.38s) e para a fundação de comunidades gentio-cristãs (13.44-52; 14.21-23)".

> As três indicações possuem um sentido razoável. [...] Delas, deve-se deduzir o seguinte: uma vez que a fronteira entre os simpatizantes (tementes a Deus) e os que estavam distantes da sinagoga era fluida, produziu-se em Antioquia – certamente pela primeira vez dentro do cristianismo primitivo – o fenômeno de que os membros da comunidade cristã, que eram até então um grupo dentro da federação de sinagogas, começaram a anunciar a fé cristã para aqueles habitantes da cidade que haviam mantido uma relação distante com o judaísmo (BECKER, 2007, p.128-129).

Uma leitura atenta da história sintetiza-se na conclusão de Becker (2007, p. 128-129) de que "se os simpatizantes 'tementes a Deus' podiam ser batizados sem serem circuncidados, então incircuncisos também podiam ser batizados, uma vez que abraçassem a parte da mensagem cristã que os judeus já professavam" (2007, p.130). Essa mensagem, nas palavras do autor, resume-se em: (1) abandono do culto pagão; (2) adoção do monoteísmo judeu-cristão. Agindo dessa forma, os incircuncisos estariam "equiparando-se, assim, aos simpatizantes "tementes a Deus" conhecidos pela sinagoga".

Não é difícil imaginar a possibilidade de algumas tensões/crises que daí surgiram, até chegar a uma ruptura com a federação de sinagogas. Sigo com Becker, que cita dois exemplos que podem ter suscitado tais crises e seus desdobramentos.

- (1) Esta novidade constituiu uma ruptura com a Lei. [...] A pureza ritual da sinagoga corria perigo de modo permanente e radical;
- (2) Como um judeu, por exemplo, não podia sentar-se à mesa como um gentio – e nem sequer entrar na casa de um gentio – sem tornar-se ritualmente impuro (At 11.2s);

> Para os cristãos, inversamente, esta missão constituiu um grande êxito, porque aumentou o número de cristãos de origem "grega", cidadãos não judeus que utilizavam o grego como língua corrente. Evidentemente essa missão entre os gentios alcançou melhores resultados do que a missão feita entre os judeus, que se retraíram cada vez mais. Em resumo: a comunidade cristã decidiu abandonar a federação das sinagogas. Assim, estava livre dos problemas com a Lei e também com a sinagoga. Podia, desse modo, seguir evangelizando sem problemas onde havia conseguido alcançar êxito. Sinal desta ruptura é o nome que recebeu a jovem comunidade: "cristãos". É um nome que sugere a autonomia do grupo e que foi aplicado à comunidade (BECKER, 2007, p.130).

Em suma, como apontou Becker (2007, p. 131-132), "Cristianismo e missão expansiva eram, inicialmente, termos afins. [...] A esta missão, os cristãos de Antioquia deveram sua fé". Era uma reação natural, portanto, "que eles também se somassem à atividade missionária. Assim, a comunidade enviou Barnabé e Paulo. Eles se dirigiram a Chipre e foram para Derbe, passando por Perge, Antioquia da Pisídia, Icônio e Listra".

> Dessa forma, justamente a crescente missão junto aos gentios e o surgimento de comunidades gentio-cristãs tornaram-se um problema para os judeu-cristãos que tinham seu centro em Jerusalém. O fato de, em Antioquia, ter-se desenvolvido um pequeno centro de missão gentio-cristão, com a fundação das primeiras comunidades livres em relação à Lei, fez que surgissem controvérsias no centro missionário judeu-cristão, ligado à sinagoga, que era Jerusalém (BECKER, 2007, p. 131-132).

Esse ambiente de crise motivou o "Concílio Apostólico", conhecido também como "Concílio de Jerusalém" (cf. At 15). A pauta principal, conforme Becker, era "se o cristianismo podia basear-se exclusivamente na fé em Cristo fora da sinagoga e sem o respaldo da Lei, bem como se esta comunidade podia ser reconhecida da mesma maneira que as comunidades judeu-cristãs existentes no interior da sinagoga" (2007, pp.132-134). Em linhas gerais a oposição era:

- Posição de Paulo: "a ação de Deus é patente no campo missionário. Deus aí age sem acepção de pessoas (Gl 2.6). Ele mesmo, mediante o Evangelho, produz a fé e proporciona o Espírito, sem a necessidade de que os gentios sejam circuncidados (cf. 1 Ts 1s)".

- Posição judeu-cristã: "para poder salvar-se, é preciso circuncidar-se e observar a Lei. Tratava-se, portanto, da importância essencial da lei judaica para a salvação". Além disso, "somente o povo judeu é eleito". Por isso, um gentio só pode esperar a salvação tornando-se judeu mediante a circuncisão.

> A posição contrária estava representada por alguns "falsos irmãos infiltrados" (Gl 2.4), como os qualifica Paulo em tom polêmico. Eles acolhiam "liberdade... em Cristo Jesus" conforme uma fórmula antioquiana da época (Gl 2.4) e pretendiam "escravizar" os antioquenos, isto é, obrigá-los a se submeterem à Lei judaica (2.4s). Para Paulo a "verdade do evangelho" estava em jogo (BECKER, 2007, p. 132-134).

O desfecho destas controvérsias, se é que assim podemos dizer, está no capítulo 15 de Atos; conforme já mencionamos, naquele que ficou conhecido como "Concílio de Jerusalém". Na prática, entretanto, a perseguição continuou e o tema ganhou evidência em alguns textos do apóstolo, tornando-se, inclusive, chave de leitura para vários deles. Voltaremos ao assunto em outro momento.

Cartas Paulinas

Não poderíamos encerrar esta aula sem pelo menos fazer breves comentários sobre a produção literária de Paulo. O cânon do Novo Testamento indica 13 cartas atribuídas a Paulo. Seis delas são classificadas como (1) "cartas maiores": duas cartas aos tessalonicenses; duas cartas aos coríntios, carta aos gálatas; carta aos romanos. Outras quatro são identificadas como (2) "cartas da prisão": Carta aos efésios, carta aos filipenses, carta aos colossenses e carta a Filemom. Por fim, restam três cartas e estas são classificadas como (3) "cartas pastorais": duas delas a Timóteo e uma a Tito.

Na atualidade, boa parte da pesquisa bíblica propõe a organização da coleção de cartas paulinas da seguinte forma: (1) Sete cartas são consideradas autênticas - quer dizer, ditadas/escritas e enviadas pessoalmente pelo apóstolo: a epístola aos Romanos; as duas epístolas aos Coríntios a epístola aos Gálatas; a epístola aos Filipenses; a primeira epístola aos Tessalonicenses a epístola a Filemom. Estas passaram a ser chamadas de "protopaulinas". (2) Três cartas são consideradas como obra de seus discípulos: a segunda epístola aos Tessalonicenses, Efésios e Colossenses. Estas são chamadas de "deuteropaulinas". (3) Três cartas mais tardias: as chamadas cartas pastorais, escritas a Timóteo (duas) e a Tito. Estas são chamadas de "tritopaulinas". Para efeitos didáticos, usaremos a estrutura do parágrafo anterior, que organiza as cartas em três blocos, como você deve ter percebido: cartas maiores; cartas da prisão; cartas pastorais.

Nesta introdução, é preciso considerar com atenção a prerrogativa de Vouga (2015, p. 183), de que "Paulo, certamente, dirigiu suas cartas a comunidades particulares que tinham sua própria história e suas próprias particularidades". A questão está na tendência atual de ler seus textos de forma universal, desconsiderando, portanto, aquilo que o autor chama de "particularidades". Sem esta percepção, e compreensão de tais particularidades, corremos o risco de uma leitura precipitada e, consequentemente, inadequada das cartas do apóstolo.

Quando estamos diante de um texto bíblico, uma boa pergunta introdutória é pelos motivos que levaram seu autor a escrever o texto em questão. Quando se trata de textos paulinos, sigo com Vouga que assim trabalha com esta pergunta: "alguns escrevem por prazer, a maioria o faz por necessidade. As cartas paulinas, quer sejam proto, dêutero, ou tritopaulinas, não escapam à regra" (2015, p.186). Note bem a sua conclusão: "isso significa que a argumentação que desenvolvem não se constrói no vazio, mas é em grande parte determinada pelas contingências históricas" (2015, p.186). Vouga, então, cita pelo menos três motivos, "necessidades", que provocaram os escritos de Paulo:

- "Por um lado, o apóstolo deve deixar clara sua compreensão do Evangelho em nome do qual fundou suas Igrejas".
- "Por outro lado, ele desfaz mal-entendidos que possam ter surgido entre ele e seus destinatários".
- "Finalmente, ele toma distância em relação a outros ensinamentos ou a outros apóstolos que, conforme sua própria convicção, deformam ou traem a força libertadora do Evangelho de Deus".

Quanto ao gênero literário da carta antiga e sua caracterização, Vouga menciona a função primária da carta, que é "substituir uma visita e um diálogo direto que não podem ser realizados. Seu primeiro papel é assegurar certa presença do parente, do amigo ou do interlocutor ausente" (2015, p.196). É por essa razão, diz o autor, "que o anúncio de uma próxima visita e o desejo de reencontrar, que pode exprimir sentimentos verdadeiros, fazem parte do próprio gênero da carta para a família ou para os amigos (VOUGA, 2015, p. 196)".

Por fim, antes de terminarmos esta aula, vale mencionar que quanto ao processo de coleção de cartas, Vouga explica a semelhança com outras coleções "como as das cartas de Platão ou de Epicuro" (2015, p.184). Note bem a função destas coleções, ao final do texto do autor, pois elas se aplicam à hipótese paulina.

> São cartas de filósofos, de chefes de escola e de mestres do pensar. Foram lidas, conservadas, reunidas e transmitidas pela comunidade de seus alunos, que a elas se referem como a textos fundadores. Quer dizer que essas cartas não são consideradas e tratadas somente como documentos históricos, mas também como os testemunhos, para a vida atual, da verdade ensinada por seu autor (VOUGA, 2015, p. 196).

saiba mais

Escola Paulina

Que houve uma escola paulina, uma tradição paulina, feita de discípulos fiéis durante várias gerações, fica fora de qualquer dúvida. Quem teria reunido um corpus de epístolas paulinas se não fosse essa escola? A escola paulina assumiu duas tarefas. A primeira consistiu em continuar e prolongar a mensagem de Paulo, adaptando-a a circunstâncias novas para que não perdesse atualidade, abrindo-a para novos problemas. Os discípulos de Paulo foram os redatores de várias epístolas escritas, às vezes, muitos anos depois da morte do apóstolo. Que um discípulo se coloque no lugar do mestre para redigir e assinar em nome dele uma carta ou um tratado não era coisa estranha na Antiguidade [...] A segunda tarefa dos discípulos consistiu em reunir os escritos do mestre para poder constituir um corpus, separá-los de escritos espúrios que pessoas bem intencionadas, mas desequilibradas queriam misturar com a obra autêntica. Depois disso a tarefa consistiu em integrar a obra paulina dentro do corpus ou cânon da Igreja Universal. Os discípulos conseguiram que os escritos de Paulo fossem reconhecidos e aceitos pelas outras igrejas não paulinas e fizessem parte do cânon.

Fonte: COMBLIN (1993, p.171).

atividades de estudo

1. Conforme a descrição de Boring,

   a) "Paulo descreve a si mesmo com um zelote na antiga fé, disposto a destruir a igreja".
   b) O zelo de Paulo pela lei foi "modelada sobre o zelo de Finéias, que matou aqueles que violaram a aliança e encorajaram outros a fazê-lo".
   c) O zelo de Paulo pela lei, fez com que "o próprio Paulo defendesse violência e mesmo pena de morte para aqueles que estavam profanando a aliança".
   d) O zelo de Paulo pela lei, fez com que "o próprio Paulo impedisse a missão do povo santo de Deus (At 26,10)".
   e) Todas as alternativas estão corretas.

2. No contexto de atuação de Paulo, um dos momentos mais significativos nas celebrações dedicadas ao Imperador era a afirmação de seu senhorio: "César é o Kyrios" (Senhor).

   a) Tal afirmação, para os romanos, era o reconhecimento de sua identidade divina.
   b) Tal afirmação, para os romanos, era o reconhecimento de sua autorização para governar/legislar da forma que lhe convinha.
   c) Os cristãos recusavam-se a mostrar respeito pelos deuses romanos.
   d) Os cristãos não reconheciam a divindade do Imperador e não aceitavam o culto a ele e ao Estado, sendo uma ameaça à segurança do Estado romano.
   e) Todas as alternativas estão corretas.

3. Segundo o argumento de Vouga, "Paulo, certamente, dirigiu suas cartas a comunidades particulares que tinham sua própria história e suas próprias particularidades" (2015, p.183). A questão está na tendência atual de ler seus textos de forma universal, desconsiderando, portanto, aquilo que o autor chama de "particularidades". Sem esta percepção e sem a compreensão de tais particularidades, corremos o risco de uma leitura precipitada e, consequentemente, inadequada das cartas do apóstolo.

   a) [ ] Verdadeiro
   b) [ ] Falso

resumo

Neste estudo, destacamos alguns passos que conduziram Saulo, o perseguidor da igreja, a se tornar Paulo, apóstolo de Jesus Cristo. Vimos que este processo, segundo Mazzarolo (2011, p. 14-16), se deu em quatro etapas: (1) A morte de Estevão: "Alguns estudiosos afirmam que Estevão e Paulo eram amigos. [Portanto] A morte de Estevão abala as convicções de Saulo"; (2) Damasco: "A crise foi aumentando à medida que ele se aproximava da cidade e, no seu auge, Deus o chama para o serviço de seu Filho, o Caminho (At 9,1-5)"; (3) A Arábia: "a referência de Gl 1,13-18 e os estudos arqueológicos atuais sustentam que ele não apenas busca refúgio na Arábia, mas é o primeiro evangelizador dessas terras"; (4) Tarso: "Levando em consideração a sua chegada na Antioquia, para auxiliar Barnabé, Saulo teria trabalhado no silêncio, mas com grande eficácia, durante cinco anos em Tarso".

Vimos também que o contexto de atuação de Paulo era extremamente adverso e que as comunidades urbanas em que o apóstolo trabalhou não estavam imunes àquele mundo de hostilidades. (1) Em Tessalônica, capital da Macedônia e província romana, por exemplo, haviam muitos trabalhadores escravos em um estado de miséria. (2) A realidade de Corinto era bem parecida. A cidade, conforme Hoefelmann, "era um reflexo da realidade contraditória do Império Romano: de um lado, minorias opulentes a explorar o trabalho alheio, de outro, massas marginalizadas e desorientadas a lutar pela sobrevivência" (1996, p.25), (3) A situação em Roma não era diferente. Fruto do modelo administrativo imperial, havia uma acentuada divisão de e famílias da comunidade vivendo de forma precária. (4) A comunidade de Filipos estava localizada na Macedônia. Uma região saqueada pelo Império, caracterizada pela miséria e pela "profunda pobreza".

Além das dificuldades advindas das táticas administrativas do Império Romano, o avanço do evangelho sofria várias retaliações, especialmente por parte do judaísmo. Nesse caso, a pressão sobre Paulo era grande, já que abertamente se constituiu no apóstolo dos gentios, preocupado em esclarecer que a boa nova do evangelho se materializava na inclusão de todos os povos. A relação com as comunidades cristãs nascentes obrigou o apóstolo a se comunicar com estes a quem chamava de irmãos através de cartas. Seus conteúdos, conforme vimos neste estudo, não eram universais; antes, porém, tratavam de questões bem particulares que respondiam as possíveis crises e dúvidas da comunidade.

material complementar

Paulo: vida e pensamento
Autor: Udo Schnelle
Editora: Academia Cristã



Sinopse: Esta obra de Udo Schnelle condensa os elementos fundamentais da vida, dos escritos e teologia de Paulo de uma forma didaticamente clara. Ao estudante que deseja se encontrar de uma forma ordenada e progressiva com a literatura e o pensamento paulino, o livro servirá de alicerce. Àquele que deseja uma síntese sistemática da vida e do pensamento teológico do apóstolo, o livro servirá de compêndio.

referências

BECKER, Jürgen. **Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia.** São Paulo: Academia Cristã, 2007.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo de Genebra.** São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). **Violência e religião:** Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001.

BORING, Eugene. Questões Introdutórias do Novo Testamento e Escritos Paulinos. In: BORING, Eugene. **Introdução ao Novo Testamento:** história, literatura, teologia. v. 1. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

BROWN, Raymond. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 2004.

BULTMANN, Rudolf. O que o Jesus Histórico significou para a Teologia de Paulo. In: **Crer e Compreender.** São Leopoldo: Sinodal, 1946.

COMBLIN, José. **Paulo apóstolo de Jesus Cristo.** Petrópolis: Vozes, 1993.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma.** São Paulo: Contexto, 2011.

HOEFELMANN, Verner. **Sociologia das comunidades de Paulo:** Corinto, contradições e conflitos de uma comunidade urbana. Estudos Bíblicos, n. 25. Petrópolis: Vozes, 1996.

KOESTER, Helmut. História, cultura e religião do período helenístico. In: KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento.** v. 1. São Paulo: Paulus, 2005.

referências

MAZZAROLO, Isidoro. **O Apóstolo Paulo:** o Grego, o Judeu e o Cristão. Rio de Janeiro, Mazzarolo, 2011.

REIMER, Ivoni Richter. **Economia no mundo bíblico:** enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.

RUBEAUX, Francisco. A violência dos opressores e o direito dos pobres à vida na Bíblia: a luta permanente. In: **Estudos Bíblicos**, n. 6, Petrópolis: Vozes, 1987, p.65-77.

SCHNELLE, Udo. **Paulo:** vida e pensamento. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

SILVA, Flávio Henrique de Oliveira. PROENÇA, Wander de Lara. **Introdução ao Novo Testamento.** Londrina: FTSA, 2014.

VOUGA, François. Cronologia paulina. In: MARGUERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia.** 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p.171-180.

_____. O corpus paulino. In MARGUERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia.** 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015, p.181-203.

WENGST, Klaus. **Pax Romana:** pretensão e realidade. São Paulo: Paulinas, 1991.

resolução de exercícios

1. e) Todas as alternativas estão corretas.
2. e) Todas as alternativas estão corretas.
3. [ ] Verdadeiro